

De investigadora a justiceira: Reflexões sobre o desfecho da trajetória da protagonista de “Bom dia, Verônica”¹

Paula Beatriz Coelho Domingos Faria

Universidade Federal de Juiz de Fora/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais

RESUMO

O presente trabalho tem como meta a compreensão do posicionamento e da trajetória da protagonista de “Bom dia, Verônica”, no desfecho da série produzida pela Netflix, considerando sua condição de mulher, sua relação com o sistema policial e seu envolvimento com a questão da violência praticada contra mulheres. A análise desenvolvida tem caráter qualitativo e recorre a autores como Hutcheon (1991), Hall (2006), Woodward (2009) e Portilho (2009), identificando os paralelos estabelecidos entre a narrativa e a realidade sociocultural em que ela se insere.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de personagem; “Bom dia, Verônica”; Ficção seriada; Violência contra a mulher.

INTRODUÇÃO

A ficção seriada, ao mesmo tempo em que atende a uma demanda do mercado, também estabelece uma relação com o contexto social em que se insere, seja retratando os modos de ser e agir vigentes, seja abordando temas que estão sendo discutidos no âmbito social e cultural no momento de sua concepção. Nesse sentido, sua posição é relevante para a compreensão e a avaliação de questões caras à contemporaneidade, como ocorre com a violência praticada contra mulheres.

A terceira e última temporada de “Bom dia, Verônica”, série produzida pela Netflix, derivada do livro homônimo escrito por Ilana Casoy e Raphael Montes, foi lançada em fevereiro de 2024, antes da divulgação do relatório produzido pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), que revelou a ocorrência de, em média, um feminicídio a cada seis horas durante o ano de 2023 (1463 casos, ao todo), ou seja, o maior índice registrado desde o advento da lei contra o feminicídio, em 2015. Assim, é compreensível a urgência social por iniciativas de combate ao feminicídio e às diversas outras formas de violência contra a mulher, o que justifica também a abordagem do tema na série audiovisual.

A personagem Verônica Torres, na primeira temporada da série, é uma escritora atuante em uma delegacia de homicídios em São Paulo que move esforços no sentido de ajudar mulheres vítimas de violência, mas não é bem-sucedida ao tentar cumprir seu propósito por meio das vias legais. Já na terceira

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Estudos em Comunicação e suas interdisciplinaridades”, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

temporada, que encerra sua trajetória, ela já não atua junto à polícia, mas mantém seu objetivo, numa trama que se desenrola de forma conectada aos acontecimentos anteriores.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como meta a compreensão do posicionamento e das ações da protagonista de “Bom dia, Verônica”, no desfecho de sua trajetória, considerando sua condição de mulher, sua relação com o sistema policial e seu envolvimento com a questão da violência, que deixa de ser uma meta profissional, para tornar-se um propósito pessoal.

CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE “BOM DIA, VERÔNICA”

A série brasileira “Bom dia, Verônica” teve sua primeira temporada lançada pela Netflix em outubro de 2020 e é baseada no livro com mesmo título, escrito por Ilana Casoy e Raphael Montes sob o pseudônimo de Andrea Killmore. A temática central de ambas as narrativas é a violência contra a mulher, tanto no âmbito doméstico quanto em espaços públicos. Os próprios autores do livro são os responsáveis pela adaptação do roteiro e a direção da série é de Rogério de Souza, José Henrique Fonseca e Izabel Jaguaribe. Já a protagonista é vivida pela atriz Tainá Müller, tendo como antagonistas, ao longo das três temporadas, personagens interpretados por atores como Eduardo Moscovis, Reynaldo Gianecchini e Rodrigo Santoro. A segunda temporada estreou em agosto de 2022 e a terceira, em fevereiro de 2024.

A princípio, a protagonista, Verônica Torres, é uma escritora que trabalha em uma delegacia de homicídios e se depara com o descaso de seus colegas e superiores diante de uma mulher que deseja fazer uma denúncia contra seu agressor. Ao tentar ajudá-la, Verônica presencia o suicídio da personagem dentro da própria delegacia e este acontecimento desencadeia sua trajetória como defensora de mulheres vítimas de violência. No entanto, ao buscar punição para os agressores de mulheres, a protagonista tem suas habilidades e competências questionadas e percebe uma série de esforços sendo feitos não apenas para impedir o cumprimento de seu propósito, mas também de silenciá-la e colocar em risco a segurança de sua família.

Diante de vários empecilhos, entre a primeira e a segunda temporadas, Verônica forja a própria morte e passa a conduzir suas próprias investigações sobre uma grande rede criminosa que pratica diversas formas de violência contra mulheres. Ela descobre uma ligação entre os principais antagonistas apresentados ao longo das três temporadas e decide atuar como uma justiceira, sem contar diretamente com o apoio das forças policiais.

A investigação vai do tráfico de menores e dos casos de abusos sexuais à descoberta de uma seita higienista muito mais ampla e, nesse contexto, a proposta do presente trabalho é analisar a conclusão da trajetória da personagem em sua missão de combater o terceiro representante do grupo criminoso que ela investiga.

METODOLOGIA

Considerando a relação estabelecida entre a ficção seriada e a realidade sociocultural brasileira, a metodologia adotada neste estudo tem uma abordagem qualitativa, que passa pela descrição do perfil e da evolução da personagem Verônica Torres em sua missão de combater diferentes formas de violência contra a mulher e, mais especificamente, o terceiro entre três irmãos antagonistas e o esquema corrupto comandado por ele.

Nesse sentido, são aplicadas propostas e conceitos desenvolvidos por teóricos que trabalham com as temáticas da pós-modernidade e dos estudos culturais, como Linda Hutcheon (1991), Stuart Hall (2006) e Kathryn Woodward (2009). Além disso, recorre-se também a pesquisadores que se dedicam ao estudo das narrativas policiais, como Carla Portilho (2009).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao refletir sobre a serialização como uma característica marcante dos romances policiais, Portilho (2009) afirma que, embora sua principal função seja a de garantir o sucesso comercial do gênero, ela também é um recurso valioso para que os autores desenvolvam seus personagens de modo mais complexo, podendo retratar, por exemplo, nuances de amadurecimento ao longo do tempo, além da ocorrência de uma mudança ou a manutenção do comportamento de um protagonista.

No caso dos personagens detetives, protagonistas das narrativas policiais - categoria na qual Verônica Torres se enquadra -, a serialização pode torná-los mais hábeis e reforçar sua obstinação quanto à resolução de um problema ou à luta por uma causa, que no caso da obra aqui analisada, é a questão da violência contra a mulher. Nesse sentido, para que Verônica cumpra sua missão, a série explora cenas, por vezes, chocantes de violência, que carregam o que Jaguaribe (2007) chama de “choque do real”, com a aproximação entre ficção e realidade a partir da apropriação de experiências subjetivas. Daí a identificação entre o constante crescimento dos índices de violência contra a mulher no Brasil e a sensação de impotência demonstrada pela personagem diante de cada nova descoberta, que a leva ao desmantelamento de uma rede criminosa muito maior e mais poderosa do que os crimes que ela combatia no início de sua trajetória.

Portilho (2009) também aborda a questão do personagens “ex-cêntricos”, recorrendo ao conceito desenvolvido por Hutcheon (1991), que diz respeito à ascensão de figuras ou personagens que anteriormente não estavam no centro das narrativas. É este o caso das protagonistas mulheres, que ganharam maior visibilidade nas narrativas policiais. A ideia de “ex-centricidade” também está ligada ao deslocamento da identidade do próprio sujeito, que passa a assumir posturas e características múltiplas, complexas e flexíveis. Ou seja, o sujeito passa a estar fora do próprio centro identitário.

Essas ideias dialogam com o que teóricos dos Estudos Culturais, como Stuart Hall (2006), propõem a respeito do deslocamento das identidades no contexto pós-moderno, quando passam a surgir questionamentos e quebras dos padrões comportamentais estabelecidos, com a demonstração de suas falhas e consequências. Isso ocorre, por exemplo, com os princípios do patriarcado, que se relacionam a problemas graves como as várias formas de violência contra a mulher. No entanto, essa quebra de padrões está diretamente ligada às relações de poder e ao estabelecimento de hierarquias, que não são derrubadas, nem ao menos questionadas, de forma pacífica. Conforme afirma Woodward (2009), a questão identitária sempre está ligada às relações de poder e é por isso que narrativas como a de “Bom dia, Verônica” atuam como catalisadoras da urgente demanda pela discussão a respeito das violências contra as mulheres, mas também podem ser tomadas como reflexos das mudanças socioculturais da contemporaneidade associadas ao comportamento, à condição e às identidades femininas.

ANÁLISE

Embora a construção do perfil da personagem Verônica Torres e sua trajetória ao longo das três temporadas da série produzida pela Netflix tenham grande relevância para este estudo, queremos nos concentrar, aqui, no desfecho da trama, desenvolvido na terceira e última temporada. Nesse sentido, são muitos os acontecimentos relevantes, que acabam se atropelando ao longo dos poucos episódios, mas entre eles, destacamos três: o equívoco de Verônica ao confiar em um desconhecido, que é o próprio antagonista; a postura da personagem ao estimular a solidariedade entre mulheres; e o desfecho com a criação de uma espécie de sociedade secreta de mulheres justiceiras/vingadoras.

Em primeiro lugar, é preciso reconhecer, no enredo da trama, a presença das relações de poder estabelecidas a partir da tradição patriarcal bem como a crítica e o combate a esses padrões. O antagonista Jerônimo, interpretado por Rodrigo Santoro lidera um esquema de tráfico de meninas e de bebês, usando os úteros de jovens sequestradas como incubadoras para criar “bebês perfeitos”, que são vendidos para pais ricos com a promessa de que as crianças jamais vão desenvolver doenças genéticas. Entretanto, esse esquema de tráfico de bebês começa muitos anos antes, no orfanato em que Jerônimo, Matias (Reynaldo Gianecchini) e Brandão (Eduardo Moscovis) cresceram e cujo diretor, monsenhor Davila, abusava sexualmente das meninas, que engravidavam e tinham seus bebês vendidos. Ao longo de sua investigação, Verônica descobre que ela própria é um desses bebês e que foi doada a seu pai enquanto ele, também um policial, investigava o esquema de tráfico.

Nesse sentido, os crimes cometidos pelos antagonistas têm um longo histórico que funciona como uma alegoria da situação das mulheres diante das inúmeras formas de violência a que são submetidas. Nas três temporadas da série, a protagonista mostra disposição para combater esses crimes, mas se depara com

inúmeros empecilhos, forças contrárias que tendem, no mínimo, a facilitar a perpetuação dos crimes contra mulheres. Ou seja, temos uma exemplificação das relações de poder assimétricas associadas ao patriarcado.

Talvez por conta dos poucos episódios, o perfil combativo de Verônica acabe se perdendo ao início da terceira temporada, quando ela se envolve com o antagonista, que se aproxima de forma suspeita no início da nova investigação. Ao descobrir quem Jerônimo realmente é, ela já colocou em risco a integridade de sua filha, que acaba sendo mais uma das meninas sequestradas, e de Angela, a filha de Matias, interpretada por Klara Castanho. Sua missão, então, passa a ser encontrar as duas jovens e é durante esta trajetória que ela faz a descoberta sobre o esquema de tráfico de jovens e de bebês.

O equívoco da personagem, sem dúvida, enfraquece o perfil de mulher destemida e obstinada construído ao longo das demais temporadas, mas também é uma demonstração da “vulnerabilidade do detetive”, apontada por estudiosos do tema, como Portilho (2009), uma característica que surgiu com o advento dos romances noir, a partir da década de 1930. Sem dúvida, “Bom dia, Verônica” traz muitas características da estética noir, a começar pelo cometimento de erros e pelos riscos corridos pela protagonista. Também estão presentes a exposição detalhada da violência - cometida não apenas pelos antagonistas, mas também pela própria “mocinha” do enredo - e a atmosfera sombria e mais realista em comparação às narrativas de enigma.

Nesse contexto, a narrativa passa a abordar um tema extremamente atual: a necessidade de estabelecimento de uma solidariedade entre mulheres. Ao se deparar com as jovens sequestradas na fazenda de Jerônimo, Verônica utiliza toda uma argumentação para convencê-las de que não estão sozinhas e não devem se conformar com a situação de cárcere, a separação de seus bebês e os leilões a que são submetidas. Diálogos semelhantes estão presentes na série desde a primeira temporada, quando Verônica tenta convencer Janete (Camila Morgado) a denunciar as violências cometidas pelo marido, Brandão, contra ela.

O destino de Janete é a morte, mas o mesmo não acontece com as jovens que interagem com Verônica no desfecho da trama. Ela lidera uma rebelião e, com a ajuda de diversas meninas traficadas, a quem são entregues armas, consegue interromper um leilão de pessoas e libertar todas as jovens presas no local. A cena é violenta e catártica, com todos os clientes de Jerônimo sendo mortos até que Verônica se depara com o próprio antagonista e atira contra ele, concluindo sua trajetória sem o auxílio das forças policiais, que só chegam posteriormente. Mas a trama não é encerrada neste momento, já que a violência contra a mulher não se resume a casos isolados, por mais amplo e revoltante que cada caso possa ser. A protagonista só consegue ter um bom dia na última cena, em que aparece liderando um grupo de mulheres cujo objetivo é se vingar de outros homens que integravam ou apreciavam o esquema criminoso dos

antagonistas. Observa-se, portanto, a criação de uma organização justiceira, que não segue os preceitos nem conta com o auxílio da polícia. No entanto, mais do que a ideia de fazer justiça com as próprias mãos, a série é concluída com um grande enfoque na necessidade de inconformismo e união entre mulheres no combate à violência.

CONCLUSÃO

Com base na observação das ações colocadas em prática pela protagonista de “Bom dia, Verônica” na última temporada da série e da análise desenvolvida neste projeto, concluímos que, sem dúvida, a narrativa contribui para as reflexões sobre a situação das mulheres que são vítimas de violência em suas mais diversas nuances. Fica clara a crítica aos princípios do patriarcado e a complexidade tanto do tema abordado quanto do perfil da personagem. Como conclui que integrantes das próprias forças policiais, inclusive seu pai, estão envolvidos nos esquemas criminosos, Verônica utiliza a própria violência - um recurso tão comumente acionado para ratificar a posição de submissão das mulheres - para combater os comportamentos abusivos e violentos assumidos por alguns homens. Ela busca suporte para suas ideias em diversas instâncias, mas só consegue garantir o desmantelamento da rede criminosa com o apoio de outras mulheres (meninas) vítimas de violência.

Assim, o desfecho de “Bom dia, Verônica” deixa claro que, apesar das iniciativas da personagem, ainda há muito o que ser resolvido a respeito do combate à violência contra a mulher e a derrubada das hierarquias de gênero, considerando o contexto da complexidade pós-moderna no embate com instituições arraigadas e conservadoras, como o patriarcado. O grupo de mulheres que se reúne para fazer justiça com as próprias mãos ao fim da narrativa, traz uma solução provisória naquele contexto, mas também demonstra que o problema ainda está longe de ser solucionado, tanto na trama fictícia quanto fora dela.

REFERÊNCIAS

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/>>
Acesso em: Março, 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JAGUARIBE, Beatriz. **O choque do real: estética, mídia e cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

PORTILHO, Carla Figueiredo. **Detetives ex-cêntricos: um estudo do romance policial produzido nas margens**. 273 f. Tese - Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.